

2) O Estado Desperto Autoliberado

INSTRUÇÕES DIRETAS PARA O MAHAMUDRA

Homenagem ao Nascido do Lótus de Uddiyana.

ESTAS SÃO AS INSTRUÇÕES ORAIS PARA O MAHAMUDRA.

O mestre de Uddiyana disse: Ouça, Tsogyal. Ao ensinar as instruções diretas do Mahamudra há quatro pontos: o Mahamudra da visão, o Mahamudra da meditação, o Mahamudra da fruição e o Mahamudra do treinamento.

Visão, meditação, ação e treinamento. Aqui quando ele coloca mahamudra – é a visão desde a visão última. É a meditação desde a visão última. É a fruição desde a visão última. E o treinamento desde a visão última. É por isso que essa abordagem é muito especial.

Primeiro, em relação ao Mahamudra da visão, um tantra afirma:

O Mahamudra da visão é a natureza básica da mente,

Com nada para provar ou dissipar.

Seria assim, a essência da visão é nós repousarmos na condição não elaborada da mente. Ou seja: natureza básica da mente. Isso é a essência do Dzogchen. É Guru Yoga com a natureza absoluta. É a imersão nessa Guru Yoga. Assim tudo fica muito simples. O que seria a visão? O que seria nós vermos? Qual a essência do processo da visão? Seria nós repousarmos na natureza livre da mente. Assim a visão fica lúcida. Isso não tem diferença nenhuma do prajnaparamita, uma vez que o prajnaparamita conduz a esse ponto, fala e elabora esse ponto.

Então, O Mahamudra da visão é a natureza básica da mente,

Com nada para provar ou dissipar.

Ou seja, a natureza básica da mente não tem nada elaborado, logo nada a ser dissipado. E nada precisa ser provado, porque é justamente a ausência das coisas – esse espaço interno é que origina essa sabedoria.

Desta forma, o Mahamudra não tem um suporte, um ponto de referência, ele é por natureza não nascido,

ou seja não surge em algum momento e não cessa em momento algum,

e não perece devido a circunstâncias

se as coisas vão bem ele não desaparece e se as coisas vão mal também não desaparece. Se a gente morre não desaparece, se a gente entra em qualquer um dos 6 bardos não acontece nada, não é afetado – o mahamudra segue ali. Como é que a gente vê que ele está presente? Quando a gente sonha temos capacidades de andar por aqui e por ali, temos a liberdade de nos mover para qualquer lado, temos um nível de liberdade. Se estamos meditando temos um nível de liberdade. Se estamos morrendo temos um nível de liberdade em relação a posição da nossa mente. Ou seja, nada é afetado.

Sua exibição é ilimitada,

ou seja, não há nada que não manifeste isso. Isso vem da compreensão da coemergência, ou seja, não tem nenhum elemento em qualquer direção, não tem nada que não seja uma exibição desse espaço livre da mente. Ou seja, quando olhamos aqui vimos o templo, uma área de retiro, mas daqui um pouco podemos olhar e ver como alojamento. Construímos tudo. As coisas continuam sempre livre. As vezes pensamos que a coisa é livre, mas é a mente que é livre. Nós vamos olhando, olhando e as coisas vão sendo construídas, vão acontecendo. Não tem nada em nenhuma direção, pra cima, para baixo, microscópica ou cósmica que não surja desse modo,

então a exibição é ilimitada e é o estado natural, a natureza básica de tudo que pode ser conhecido.

Uma vez que todas as coisas surgem por essa natureza luminosa - é o estado básico que produz isso.

Além do mais, suas virtudes não precisam ser produzidas nem há falhas a serem eliminadas,

ou seja, as características, as virtudes de mahamudra, as virtudes da natureza primordial não precisam ser construídas, não há nada a ser sustentado e nem purificado, não tem falhas a serem eliminadas, pois não há conteúdo.

nem há falhas a serem eliminadas como a analogia de acreditar que uma corda seja uma cobra.

Não tem delusão ali dentro. Se houvesse objetos teria delusão, mas não tem objetos. Tem a condição livre se movendo. Não é vacuidade como objeto, ou conceito filosófico, é a natureza livre que se move.

É a noção de cobra que é um erro e não a corda; apesar de à primeira vista parecer ser uma cobra, você entende que ela era apenas uma corda. Nem a corda precisa ser provada nem a cobra precisa ser dissipada, de forma alguma. Da mesma maneira a natureza básica de todas as coisas que podem ser conhecidas é ela mesma a natureza do Mahamudra. Assim, nem é necessário produzir um estado desperto livre de pensamentos nem os pensamentos precisam ser eliminados.

Porque essa natureza subjaz a toda manifestação.

O estado desperto livre de pensamentos está presente diretamente enquanto pensamos,

se não, não haveria liberdade

e assim - não pertencendo a categoria alguma tal como permanência ou nulidade, os dois tipos de identidade, ou aquele que percebe ou o percebido -

ele é conhecido como a pureza original e perfeita.

Que maravilha que vocês estão com tempo de olhar tudo isso com calma. Isso é uma boa coisa. Esse talvez pudesse ser um dos objetivos do retiro – gerar essa familiaridade; olhar com calma e de dentro até tudo isso ficar muito claro. E deveríamos nos dar conta que estamos vivendo é ali dentro. Isso é que é nossa vida. Ai o samsara fica muito claro. É um jogo no meio disso. E andar no meio disso, vai ser uma liberdade e habilidade.

Segundo, em relação ao Mahamudra da meditação um tantra afirma:

Permita que sua natureza básica se estabeleça sem fixações;

Esse é o Mahamudra do estado meditativo.

Então meditação é não fixação. A fixação é justamente o oposto; é a prisão. Nós meditamos para liberar [qualquer] prisão que exista – os pensamentos condicionados, as estruturas cármicas, o hábito.

Desta maneira, o Mahamudra da meditação é permitir que a sua natureza original repouse sem sustentar qualquer coisa em sua mente.

Sem sustentar qualquer coisa delusiva, construída, nenhum elemento delusivo, inclusive a noção de natureza original. Se nos prendemos à noção de natureza original, isso é um conceito delusivo – é algo separado de mim que eu penso sobre, ficamos preso. O Mahamudra da meditação é uma prática, ela não é uma fixação em um conceito, ou em alguma coisa. Não tomar nada delusivo – uma sensação, uma bolha, um estado de energia, seja o que for não se fixar como um objeto. As instruções são importantes, mas ainda não é a prática em si. Isso seria parecido com quem quer aprender andar de bicicleta. Ela pode ter lido e visto e pensado muito em andar de bicicleta, mas andar é outra coisa. E talvez o melhor que ela tivesse a fazer é tentar andar. É como algo não cognitivo. Acho que algo muito importante é sempre lembrarmos que mesmo quando estivermos com pensamentos, essa natureza está lá sempre presente. Também lembrar que estamos usando a meditação – um estado particular – para repousar nessa natureza original, mas não seria necessário meditar, pois essa natureza está sempre presente em todos os momentos, ou seja, a produção de pensamentos não afeta o estado original. Mas vamos usar da meditação para repousar nessa natureza.

Assim, ele não é o resultado do pensamento, não é indicado, não é algo que é ou não é; ele está livre de conflitos e de ação mental e não exclui qualquer tipo de coisa de qualquer forma.

Aqui ele está colocado como se fosse duas coisas. Na primeira parte ele diz: é permitido que sua natureza repouse sem sustentar qualquer coisa em sua mente. E na parte final ele diz que não exclui qualquer coisa de qualquer forma. Na primeira parte parece que sugere uma exclusão, mas na segunda parte ele diz que se surgir algo não se fixe e nem rejeite.

Além do mais, ao repousar no estado natural não é necessário modificar nada com remédios, assim como o oceano e as ondas.

a onda surge e é o próprio oceano

Quando uma onda se move sobre o grande oceano ela surge dele e desaparece novamente no oceano. A onda não é outra que o oceano e o oceano não é outro que a onda. Assim como a onda no oceano, permaneça serenamente num sabor equânime.

Deixe os pensamentos surgirem e cessarem como as ondas, sem pensar que aquilo não é a natureza.

Como esta analogia, no Mahamudra da essência de sua mente, a natureza original livre de pensamentos, repouse completamente no estado natural. Não sustente coisa

alguma em sua mente. Qualquer pensamento que possa surgir não é, no próprio momento do surgimento, separado do estado desperto livre de pensamentos

o oceano

e livre de erros.

Aqui tem que cuidar ao seguir este texto para não ficar amarrado. Apesar deste texto ser muito profundo ele é uma instrução a nível de mente. Tem um certo controle. Mas não precisa dessa mente discriminativa – eu apenas faço isso. Se ficarmos fazendo esforço para sustentar é igual a fazer esforço para não sustentar – isso ainda é controlar.

O pensamento surge de você, aparece para você e se dissolve em você. Nesse momento, o estado natural não é uma coisa sobre a qual você possa pensar, nem é possível indicá-lo através de palavras.

Sendo livre da dualidade entre aquele que percebe e o que é percebido, ele não é alguma coisa que exista.

não existe porque é não dual e não dá para apontar fora; não são delusões dentro de uma bolha. Não é algo que esteja entre as construções.

Visto que este estado desperto não dual experimenta de todas as formas possíveis, ele não é alguma coisa que não exista.

é o estado natural

E visto que esses dois níveis de realidade são indivisíveis, ele está livre de conflitos.

Uma vez que todos os fenômenos enganosos estão marcados com o seu selo,

significa que são inseparados da natureza livre da mente, logo ele não exclui coisa alguma.

E assim, sendo originalmente livre, ele é conhecido como o estado original de autoliberação.

a melhor prática aqui é tentar praticar essas instruções sem lembrar das instruções.

PERGUNTA:

É fácil confundir este estado [estado livre da mente] [presença] com shamata; ou com um nada, algo tipo apagamento. Como diferenciar isso?

RESPOSTA LAMA:

O estado de apagamento exclui a forma.

Aqui vamos incluir a forma.

O primeiro mahamudra, o da visão, é muito importante, pois vamos entender que todas as aparências surgem dessa natureza livre. Isso deveria ser visto com um sorriso, pois quando estamos olhando as aparências é porque estamos sentados no lugar que, apesar de ver as aparências, estamos livres delas. É esse lugar que precisamos. É um lugar não cognitivo. Desse lugar o que vamos ver é que as aparências são aparências e elas surgem magnificamente desse estado livre. Só vamos conseguir ver isso com um sorriso, sem querer se fixar a algo e sem responder às aparências. Pois a resposta às aparências é a prisão ao conceito das aparências. Agora o surgimento e a visão das aparências é a lucidez, mas não a resposta.

Essa lucidez permite eu ver a aparência, me deslocar para lá e para cá, sem precisar conceitualizar que eu posso me deslocar para lá e para cá - podemos fazer isso. Esse aspecto é o repousar nessa natureza livre da mente. Aí vamos entender o mahamudra da meditação, ou seja, se a visão está ocorrendo, a meditação está ocorrendo. Logo, o melhor seria entender o mahamudra da meditação inseparado do mahamudra da visão.

Terceiro, em relação ao Mahamudra da fruição um tantra afirma:

A própria base amadurecida até o fruto,

Isso é o Mahamudra da fruição.

Primeiro vamos ter a visão da base e depois repousamos sobre a base que é a meditação. O amadurecimento da própria base produz o fruto que é o natural movimento com visão, com lucidez, que é o mahamudra da fruição.

Desta forma, o Mahamudra da fruição é quando a natureza básica, o estado natural de todas as coisas que podem ser conhecidas, amadureceu até a realização. Em outras

palavras, a sua essência, o dharmakaya, está de acordo com a vacuidade; a sua natureza, o sambhogakaya, é dotada dos meios hábeis do estado desperto lúcido; e a sua capacidade, o nirmanakaya,

o corpo mortal

é a sua expressão natural, ilimitada. Usando uma analogia, quando uma semente amadurece em uma espiga de grãos, é apenas a semente que se transformou na espiga de grãos. Não há espiga de grãos separada da semente, e além da espiga de grãos, não há nada em que a semente possa amadurecer.

Essa natureza básica amadurece até o surgimento de darmakaya, nirmanakaya e sambogakaya. Esses aspectos são a própria natureza básica.

Assim como essa analogia, a fruição é a sua mente original, o estado naturalmente puro, básico - depois que as miríades de tipos de modulações temporárias se dissolverem por si mesmas. Ela é simplesmente o estado natural tal como ele é.

Essa é uma boa expressão, mas parece as vezes ter um resquício de hostilidade, de exclusão, as miríades de modulações temporárias. É preferível ficarmos com a ideia de como é explicado em outros pontos deste mesmo texto, onde diz que não há nada que se manifeste que já não seja aquilo mesmo. Vamos considerar então que as miríades de modulações temporárias cessam, quer dizer isso, nós a vemos como manifestações incessantes desse próprio oceano, como a espuma desse oceano, ou o próprio oceano em forma de espuma ou onda. Então seria a dissolução do aspecto dual e não o desaparecimento das modulações temporárias. O estado natural inclui o surgimento da forma.

Ela é a essência vazia de sua mente,

essência ilimitada de sua mente, o estado desperto. Isso é darmakaya, ou seja, inclui as formas todas

um estado ilimitado de estar desperto, isto é o dharmakaya. Ela é a natureza lúcida de sua mente, uma experiência impossível de descrever com palavras, isto é, o sambhogakaya. Ela é a capacidade de expressão de sua mente, a autoliberação de cada momento de experiência, isto é o nirmanakaya.

Ou seja: as manifestações de sambogakaya são inseparadas da natureza última. O mesmo com as manifestações nirmanakaya.

Quarto, em relação ao Mahamudra do treinamento um tantra afirma:

De modo a gerar uma cadeia de bênçãos

Há o Mahamudra do treinamento.

Ou seja: como instruir a realização disso – visão, meditação e fruição. O melhor treinamento é o que já está inseparado do estado original, por isso ele é um mahamudra. É muito bonito olhar desse modo. O treinamento não vai ser um caminho para depois chegar a algum lugar e ver. Sendo o Mahamudra do treinamento, ele já é a apresentação dessa condição.

Você deve solicitar as instruções orais de um mestre que possua a transmissão, a realização e compaixão. Desse dia em diante você deve suplicar a ele, não o considerando como um corpo da forma (rupakaya), mas apenas como o dharmakaya.

Esse é um ponto bem importante. Olhando assim, parece que vamos reificar alguém. Ou seja: esse ser é darmakaya. E na verdade ele é um rupakaya. Agora isso é uma proteção para nossa mente. Pois seja o que for sempre é darmakaya. Então o mestre também é darmakaya, precisamos olhar assim. Se não, tudo é darmakaya exceto o mestre. Então precisamos entender que rupakaya é inseparado de darmakaya. Assim não vamos limitar ele a um corpo de forma, mas sim, ver o aspecto extraordinário e claro de darmakaya.

Incapaz de suportar qualquer separação, dissolva-se nele com profundo anseio,

dissolva-se em darmakaya. Isso quer dizer que as mentes são inseparáveis. As pessoas sorriem internamente. A mente de darmakaya em mim é a mente de darmakaya naquele mestre. Lembro de certa vez ter visto um mestre em Nova York ser apresentado pelo seu aspecto externo. E ele disse na sequência que aquilo não era bem a realidade, mas se ele tinha algum mérito era espelhar a mente do mestre dele. De fato ele não é o currículo dele. Ele é inseparado da mente do mestre, que enfim é a mente do Buda.

de forma que através das bênçãos do mestre a realização do Mahamudra surja espontaneamente. Isto - o atalho unicamente suficiente sem necessidade de se apoiar em qualquer outro método dos dois estágios - é conhecido como Mahamudra do treinamento.

isso seria Guru Yoga, onde vamos direto para aquele ponto da natureza primordial. Não vamos fazer qualquer outro método de estágio de desenvolvimento ou completitude, ou seja, não vamos fazer coisas duais para chegar em um certo nível, para depois poder entender. Aqui não é isso. Aqui vamos tentar ir direto para aquela condição. Por isso é o mahamudra do treinamento. Vamos treinar o estado final para estar no estado final.

Aqui como está sendo colocado não tem diferença entre dzogchen e mahamudra. Isso seria o pináculo da atiyoga. Já shikantasa é mais enigmático, pois quer dizer apenas sentar, ou sente como um buda, mas não descreve o que acontece na mente. Assim vai depender do praticante, que pode sentar como um Buda, ou não. Se o praticante pegar isso como instrução, aí seria desenvolvimento e não o repousar na condição de um Buda.

Usando uma analogia, quando o sol está brilhando e você possui uma lente não danificada, impoluta, o musgo seco pegará fogo no momento em que você arranjar corretamente os três. De forma similar, quando as bênçãos do mestre, sua própria devoção e a sinceridade pura de seu ser todos coincidirem, o estado desperto original que é o Mahamudra automaticamente surgirá ao simplesmente fazer uma súplica a partir de um anseio profundo.

isso vocês também poderiam experimentar: fazer essa súplica.

Agora o método para certificar-se de que seu ser esteja purificado. Depois de receber as instruções orais, inicialmente vá para um local isolado e permaneça lá solitário. Então, deixando de lado todos os outros objetivos – entregando-se completamente – repetidamente forme este raciocínio: “Que perda terrível seria se eu desperdiçasse este corpo de liberdades e riquezas obtido apenas esta vez!

Como nada é certo, o que eu faria se morresse hoje à noite ou agora mesmo?!

Minha mente não alcançou qualquer estabilidade. E depois que eu morrer nada nem ninguém me acompanhará!”

ou seja: não adianta ficar apegado agora pois ninguém vai me acompanhar mesmo. Gosto de olhar assim, a hora da morte é um bom controle de qualidade. Se estou morrendo, para onde dirijo minha mente? Essa pergunta é uma boa pergunta antes de meditar.

Então tome refúgio

(na natureza primordial)

e estabeleça a determinação da bodicita muitas vezes.

estabeleça a determinação de ajudar os seres que estão totalmente perdidos. Se achando tão espertos por andar daqui pra lá e de lá pra cá, em meio às bolhas de realidade deludidas – e eles estão hábeis nisso e, portanto, não conseguem ver outras coisas.

Use vários métodos para purificar seus obscurecimentos e para reunir as acumulações.

(isto é estado do desenvolvimento).

Mas especificamente visualize seu guru raiz pessoal no centro de seu coração, pensando: “Ele apenas é o Mahamudra, o buda dharmakaya!”

Suplique a ele com intensa sinceridade até que se sinta exausto.

Aqui tomem Guru Rinpoche e olhem com esse olhar. Imaginando a mente de Guru Rinpoche inseparável do estado de liberdade de vocês. Vendo o estado de lucidez e de movimento por todos os lados de Guru Rinpoche sem perder a lucidez em meio aos aspectos condicionados. Guru Rinpoche é isso: a junção do aspecto lúcido, do aspecto condicionado e do lung de beneficiar os seres. Esse deveria ser o refúgio. O aspecto exausto quer dizer assim: Suplico muitas e muitas vezes até perceber que é inútil ficar suplicando, melhor é realizar essa condição. Isso é o resultado da súplica. Veja acontecer isso no seu coração. Esse ser que pede a alguém vai ter que cessar.

Então, sua consciência se tornará um estado livre de pensamentos e vazio, uma experiência de indescritível clareza ou um estado de bem-aventurança livre de apegos. Reconheça: “Apenas isto é a mente do guru, minha própria mente, o Mahamudra do dharmakaya!” e repouse na liberdade espontânea do estado básico de naturalidade.

Aqui vai haver a experiência de êxtase, de suka. As coisas são o próprio darmakaya. E nós estamos lúcidos em meio a isso. Essa clareza temos que estabilizar e não perder (não enganchar em alguma coisa e sair para algo prático). Essa é realmente uma boa prática pra vocês.

No início treine em sessões curtas repetindo-as muitas vezes, desta forma o seu pensamento se evaporará como a névoa. Então estenda as sessões, e ao fazer isso permaneça completamente livre de pensamentos. Finalmente, transcendendo as sessões e os intervalos, você se expandirá para um estado no qual qualquer coisa é a natureza única de dharmata.

Esse é um ponto bem interessante. Aqui não é mais trekchod. Aqui já é a culminância. Trekchod é a parte que estamos treinando os 8 pontos do prajnaparamita, reconhecendo objetos e bolhas e energia. Aí vamos reconhecer a natureza vajra. Para na sequência, sem análise, reconhecermos as aparências como nirmanakaya. E isso já é a prática de presença. Aqui teríamos que ter o cuidado de reconhecer o aspecto vazio, luminoso e coemergente das identidades - dos eus - seria importante não ter um alguém separado buscando. Pois se trouxermos até aqui, até o ponto final, um eu que vai alcançar algo, se eu transportar essa noção de "eu mesmo" fazendo algo, vai se instalar um samsara.

Esse samsara traz na sequência a insatisfação de o ensinamento mais sofisticado perder o poder de brilho, perder a capacidade de nos tirar daquele samsara, pois acaba virando conceitos de algo separado - isso nos leva a um sofrimento vajra - o ensinamento perde a capacidade, o potencial, de nos levar à experiência da natureza última. Desta forma, acabamos afundando em um buraco que não tem como sair, pois o ensinamento mais profundo acabou virando um objeto e perdendo o poder de nos tirar de lá. Acabamos gerando anti-corpos a esses ensinamentos.

Isso acontece com muita frequência. Os ensinamentos acabam ficando cada vez mais sofisticados, mas o samsara vai penetrando neles e gerando os anti-corpos.

Mas naturalmente, sabendo disso, podemos localizar através de dores correspondentes ao estado de samsara, muito parecido com o estado da iluminação, mas não é a iluminação. Neste ponto deveríamos olhar novamente os quatro pensamentos que transformam a mente: o buda deu ensinamentos, a nossa vida é transitória, estamos operando com estruturas cármicas e o sofrimento é inevitável.

Assim vamos olhar que o samsara não produz nada que não seja problemas. Logo, não temos nenhuma razão para nos ancorarmos no samsara, ou lastimar por não estarmos ancorados no samsara.

Com isso retornamos o foco nos quatro mahamudras e na natureza primordial. E com isso, daqui a pouco, cruzamos e reconhecemos que a própria noção de identidade e a noção do samsara são construções. E que eu tenho uma natureza livre que está além das construções. Assim, escapamos.

Quanto mais elevado o ensinamento, mais próximo nós estamos dessa questão do inferno vajra.

Durante os intervalos execute todas as suas atividades diárias em um estado desperto lúcido contínuo, que tudo permeia, livre de qualquer atividade mental.

Livre de uma prisão a uma bolha correspondente.

Mas, mesmo que esse estado natural seja agora uma realidade para você, continue a cultivar uma vasta compaixão pelos seres sencientes e faça aspirações de que o bem-estar dos outros possa ser espontaneamente realizado na maneira da não ação.

Lúcido, fluido.

Isto foi apenas um fragmento do ensinamento "Estado Desperto Autoliberado: as instruções diretas do Mahamudra."

SAMAYA. . SELO, SELO, SELO. .

Esse ponto de samaya, selo, selo, selo é super importante. Isso quer dizer: uma vez que você compreendeu isso não faça outra coisa. Não perca isso, visto que a mente sem realização tende a flutuar e a perder essa experiência, sele a realidade das coisas mantendo essa visão. Esse é o nosso compromisso, esse é nosso samaya.

A mente livre é a mente de Guru Rinpoche. É uma mente que se move livre em meio às coisas, para benefício dos seres. Que essa instrução possa fazer com que a verdadeira linhagem da realização se dissemine e floresça tão amplamente quanto a expansão do espaço. Nós não estamos no samsara. O samsara é uma bolhazinha. O samsara não tem capacidade de abalar isso. Do mesmo modo que a morte não abala a lucidez. Do mesmo modo que os pensamentos não tem como abalar a fonte dos pensamentos. Do mesmo modo que o filme não explode a parede de projeção.

Então é natural que a linhagem de realização se dissemine no espaço. Seria super importante vocês olharem os outros seres – minhocas, formigas, bichos que voam em geral – e verem eles operando com a mente livre, mas agora com uma ideia fixa, uma ideia fixa de fazerem as coisas, e de tempo em tempo eles fazem suas transformações e evoluem nas suas formas de se manifestarem, apegados a uma visão.

Assim olhamos toda a multiplicidade de seres nessa culminância pontual de mudar o samsara para se ajustar as circunstâncias e seguir vivendo e mantendo seus apegos – assim como nós.

Estamos constantemente buscando novas fontes de energia para poder sustentar e promover nossos apegos - isso é o samsara – o samsara não é nada mais do que isso. No entanto, isso é super limitado considerando a natureza livre da mente, pois a natureza livre da mente não depende do sol, nem da biosfera. Isso é a compreensão de darmakaia, sambogakaia e nirmanakaia em todos os seres, incluindo átomos, cristais e etc... E isso é Guru Rinpoche – o aspecto do buda primordial, ou seja, os aspectos de lucidez, de lung, para benefício dos seres e o aspecto de incessante atividade sem esmorecer e sem ser engolido.

Enfim, Guru Rinpoche era um gaúcho (rs), em cima de um cavalo (rs), de purba na cintura (rs), de poncho /manto (rs) e como não tinha pré-conceitos, a bandeira dele é de 5 cores (rs).

Esta instrução definitiva e maravilhosa, um terma redescoberto de Drimey Kunga, foi revelada como um siddhi por Pema Ösel Do-Ngak Lingpa no Cabo Perpendicular da Rocha Vermelha, e depois foi oferecido a Orgyen Chimey Tennyi Yundrung Lingpa. Que ele possa fazer com que a verdadeira linhagem da realização se dissemine e floresça tão amplamente quanto a expansão do espaço.

Notas:

3. Pema Ösel Do-Ngak Lingpa é o nome de tertön de Jamyang Khyentse Wangpo e Orgyen Chimey Tennyi Yundrung Lingpa é o nome de tertön de Jamgön Kongtrül Lodrö Thaye.